

Do Miramar ao Monumento: a reconstrução do “velho trapiche”

Ana Luiza Malnati Panariello

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

annaluiza5@gmail.com

Resumo: Este artigo pretende analisar o processo de construção do antigo bar e trapiche Miramar – que pode ser considerado um dos grandes símbolos da antiga Florianópolis – desde a proposta inicial da prefeitura de reconstruí-lo, em 1988, até a conclusão das obras do *Memorial ao Miramar*, em 2001. Para isso, serão analisadas reportagens do jornal *O Estado* e, como suporte teórico, os escritos de Jacques Le Goff.

Palavras-chave: Miramar; Urbanização; Patrimônio Histórico

Title: From Miramar to the monument: The reconstruction of the “Old Pier”

Abstract: The aim of this article is to analyze the building process of the former bar and the pier Miramar, which can be considered one of the major symbols of ancient Florianópolis, since the city hall’s initial suggestion of rebuilding it in 1988 until the conclusion of the work on the *Memorial ao Miramar*, in 2001. In order to this, articles from the newspaper *O Estado* will be analyzed, and Jacques Le Goff will be used as the theoretical background.

Key words: Miramar; Urbanization; Historical Patrimony

*Mataram o Miramar. Reduto de encontros todos, dos bem abastados.
Morreu a memória, morreu meu sonho entre outros tantos sonhos.
A saudade, só a saudade ninguém mata, a saudade do velho trapiche, do
meu doce, inesquecível Miramar.¹*

Em 14 de junho de 1988, após catorze anos da demolição do Miramar, o prefeito de Florianópolis da época, Edison Andrino, lançou a proposta de reconstrução do trapiche, criando o

¹ RAMOS, Sebastião. **No tempo do Miramar**. Florianópolis: Papa Livro, 1993. p. 9.



projeto “Revivendo o Miramar”. A idéia desse projeto era escolher a melhor proposta para reconstruir o trapiche, que funcionaria também como um restaurante.

A iniciativa da prefeitura foi notícia em diversos jornais locais, como, por exemplo, *O Estado*. Segundo a reportagem de Rossana Espezin nessa publicação, em 26 de junho de 1988, o projeto estava causando muita polêmica na cidade e dividindo opiniões. Muitos achavam que o “estrago” já tinha sido feito com a destruição do Miramar e que não valeria a pena tentar recuperar o trapiche, já que nunca mais seria o mesmo. Por outro lado, a notícia da reconstrução do Miramar causou grande euforia em parte da população, que via na reconstrução do trapiche uma oportunidade de resgatar um dos grandes símbolos da tradicional Florianópolis.

Diante disso, o objetivo deste artigo é analisar o processo de construção do *Memorial ao Miramar* desde a proposta inicial do prefeito, em 1988, até a conclusão da obra, em 2001, através de reportagens do jornal *O Estado* e do conceito de monumento do historiador Jacques Le Goff.

Segundo Jacques Le Goff, os monumentos seriam materiais da memória coletiva, que em sua forma científica é a história. Para tanto, um monumento seria “tudo aquilo que pode evocar o passado”¹ e que faz recordar algo que já aconteceu. Nesse sentido, o *Memorial ao Miramar* constitui um monumento, já que de alguma forma faz recordar um lugar que já existiu. Contudo, o resultado final da obra não ficou muito satisfatório, já que não traz elementos básicos do antigo trapiche, como a riqueza de detalhes na sua forma, e também pela distância em relação o mar, entre outros aspectos que serão abordados na seqüência deste artigo.

Em sua origem, em 1925, o trapiche que adentrava o mar cerca de vinte metros era usado para embarque e desembarque de passageiros do trajeto ilha-continente. Foi apenas em 1928 que o Bar Miramar foi inaugurado e, de acordo com a historiadora Marilange Nonnenmacher, assim como a Ponte Hercílio Luz, era percebido como um símbolo de modernidade de Florianópolis.² O bar tinha um estilo arquitetônico bem eclético e rico em detalhes, “a fronteira do portal de acesso continha elementos neoclássicos e insinuações em art déco e na parte alta da fachada um vitral com dois golfinhos em massa decorado com platibanda recortada”³. Ele funcionava como confeitaria, restaurante e bar, e era bastante freqüentado pelas famílias mais tradicionais de Florianópolis, que além de se reunir para tomar chá ou sorvete, apreciavam as competições de remo que aconteciam ali perto.

¹ GOFF, Jacques Le. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão, 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p. 535.

² NONNENMACHER, Marilange. Memorial ao Miramar: uma alegoria urbana. In: **História, trabalho, cultura e poder**. ANPUH-SC, 2004. p. 219.

³ *Idem*.



Além dessas famílias, o bar também era palco de encontro de “boêmios, seresteiros, poetas, gente que gostava de noite, de esbórnica, da criação livre (entre outros)”⁴ e, por isso, de acordo com a historiadora Glaucia Dias da Costa, era “considerado por muitos como o templo da boemia ilhoa em seus anos áureos”⁵.

Contudo, já na década de 60, o público-alvo e a própria construção do Miramar já não eram os mesmos. Muitos operários passaram a freqüentar o bar após seu expediente de trabalho, o que desagradava a parte da população, que achava que isso degradava a imagem do bar. Além disso, o fato de a malha rodoviária se expandir cada vez mais, e o Miramar funcionar como ponto de ônibus para o sul da ilha, também levaram outras pessoas que não eram das camadas mais abastadas da sociedade a freqüentá-lo. Em relação às condições do local, de acordo com Marilange Nonnenmacher, em 1970 o prédio já estava em péssimo estado de conservação, com a pintura, telhas e paredes totalmente desgastadas, se encontrando totalmente abandonado, e se transformou em “abrigo nos dias de chuva; ponto de aluguel de baleeiras; ponto de ônibus; estacionamento de carros; ponto de encontro para os amores clandestinos”⁶.

Somado a isso, no contexto de reestruturação espacial dos anos 70 em Florianópolis, o trapiche era um dos prováveis lugares a ser destruídos, para a construção de vias de automóveis.

Diante dessa situação, um grupo de atores do Teatro Estudantil Catarinense (TECA) se uniu para transformar o trapiche em um teatro de arena, pois além da necessidade de um espaço para suas atividades, seria uma forma de evitar a destruição do Miramar. A prefeitura autorizou o projeto, mas dispôs de pouca verba para recuperar o espaço, mesmo porque a demolição do Miramar já estava sendo planejada. Sendo assim, foi feita uma campanha pelo grupo de teatro para arrecadação de materiais e, depois de muito esforço, o local foi parcialmente recuperado e o teatro inaugurado em 1972.

Desde a primeira peça apresentada, *O livro de Cristóvão Colombo*, até a última, *Catacumba*, poucas pessoas freqüentaram o teatro. Ademais, na última peça o grupo foi alvo de críticas devido ao seu conteúdo: além de outros assuntos, o espetáculo tratava de um futuro em que as crenças não

⁴ *Idem.*

⁵ DIAS, Gláucia da Costa. **Vida e cultura urbana em Florianópolis** (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). Dissertação. (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004., p. 11.

⁶ NONNENMACHER, Marilange. Teatro Trapiche: a arte da resistência. In: FLORES, Maria Bernardete Ramos; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera (org.). **A casa do baile: estética e modernidade em Santa Catarina**. 1. ed. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006. v. 1, p. 307.



teriam o mesmo valor, até mesmo em relação a Deus. Portanto, mesmo antes da demolição do Miramar, a prefeitura já havia decidido fechar o teatro.⁷

Em 24 de outubro de 1974, numa época classificada pelo professor Armando de Melo Lisboa, do Departamento de Economia da UFSC, de desenvolvimentista ou de modernização de Florianópolis, de negação da cultura local e de destruição do patrimônio arquitetônico, o Miramar foi demolido, diante do andamento das obras de aterro da Baía Sul. De acordo com Marilange Nonnenmacher, “a capital catarinense sofreu um surto de desenvolvimento cujos reflexos mais imediatos se fizeram sentir na construção civil”⁸, e a mesma idéia de progresso que construiu o Miramar provocou a sua demolição.

Essa demolição foi marcada por protestos isolados. Raul Caldas, em reportagem no jornal *O Estado* de 25 de agosto de 1988, afirma que o Miramar foi um dos mais marcantes símbolos da velha Florianópolis. Por outro lado, algumas pessoas defendiam a idéia de que o lugar já estava em ruínas antes da sua destruição definitiva. O então governador Colombo Salles afirmou em depoimento ao jornal citado: “Ele [o Miramar] não foi destruído, ele caiu”. E ainda: “A sua demolição se fez necessária, para que se permitisse o aproveitamento integral daquela área”. O fato é que a área não foi usada nem para via de automóveis, como foi dito no projeto inicial, nem para outros fins, e o resultado foi um terreno baldio.

Assim, como já foi dito, após catorze anos da demolição, a proposta de reconstrução do Miramar em 1988 causou muita polêmica. Em junho daquele ano foram publicadas várias reportagens sobre o assunto, e pelos títulos das reportagens verifica-se a discussão suscitada: “Vale a pena reerguer o Miramar?”, “Como era doce o Miramar!”, “Florianópolis discute imagem que já não tem”, “Uma polêmica que não acabou”, entre outros.

Para o museólogo e então responsável pela oficina de restauração do Centro Integrado de Cultura em 1988, Aldo Nunes, que foi frequentador assíduo do antigo Bar Miramar, “pretender reconstruí-lo agora com as mesmas características, no mesmo espaço, com a ausência do mar, seria incoerente, insensato; junto ao mar, longe do centro urbano, seria um falso histórico”⁹. Segundo ele, “reviver o Miramar seria escrever páginas e páginas de histórias e ouvir estórias da população, fatos e casos ocorridos no corpo aqui banhado pelas águas rasas da baía sul, testemunha de bons tempos

⁷ *Ibidem*, p. 327.

⁸ *Ibidem*, p. 318.

⁹ **O ESTADO**, Florianópolis, 26 jun. 1988. Acervo da Biblioteca Pública de Santa Catarina.



que nem mesmo o vento sul nos trará mais”¹⁰. E conclui: “Reconstruir o corpo daquele miramar, em pedras, cal e argila, deverá ser motivo para uma profunda e demorada reflexão”¹¹.

Além da discórdia sobre a reconstrução do trapiche, havia também um debate sobre a forma como esta deveria ser feita. Na proposta do prefeito Edison Andrino, por meio de um concurso público, uma comissão julgadora formada por 21 pessoas das mais diversas instituições escolheria um projeto arquitetônico, elaborado por um arquiteto ou uma empresa de arquitetura. Até mesmo o grupo de jurados sofreu críticas, já que nem todos eram arquitetos. Segundo a arquiteta Miriam Melim, “dos vinte e um representantes de vários setores da capital, apenas cinco são arquitetos, o que contraria uma disposição da diretoria nacional do IAB”¹². E ela vai além: “Se nós (arquitetos), que estudamos anos a fio, precisamos ponderar muito a respeito (da reconstrução do trapiche), imagine quem só pode dar um parecer do ponto de vista estético”¹³. Sua preocupação era compartilhada por outras pessoas, já que de acordo com a proposta do prefeito, o projeto inicial, imposto por decreto, não poderia ser modificado.

Após três anos desse debate, em 2001 o *Memorial ao Miramar* foi construído no mesmo lugar onde se localizava o Bar Miramar, na praça Fernando Machado, mantendo o desenho da planta arquitetônica do antigo Miramar no piso. O projeto foi feito pelo arquiteto Joel Pacheco, do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IpuF), e vem sendo alvo de críticas desde então, já que a única referência ao antigo Miramar é a planta básica do memorial. Nas palavras de Marilange Nonnenmacher, “ergueu-se um monumento de aparência quase fúnebre em memória do lugar e conseqüentemente das experiências sócio culturais que ele representa”¹⁴.

Como já mencionado acima, os monumentos são materiais da memória, que é a propriedade de conservar certas informações. Eles se caracterizam por perpetuar a recordação, voluntária ou involuntariamente. Nesse sentido o *Memorial ao Miramar* parece não ter cumprido com a proposta inicial, mesmo tendo sido construído no mesmo lugar que o trapiche. Além de não funcionar como restaurante, nem bar, nem ser uma construção esteticamente agradável, a meu ver, não faz uma releitura nem da riqueza de detalhes que havia no Miramar, ou seja, do aspecto estético e arquitetônico, nem do aspecto das experiências vivenciadas no local. De acordo com Nonnenmacher, o *Memorial ao Miramar* “oferece uma leitura instigante de ‘obra inacabada’, de

¹⁰ *Idem.*

¹¹ *Idem.*

¹² *Idem.*

¹³ *Idem.*

¹⁴ NONNENMACHER, 2004, p. 220.



uma edificação que ‘obterá’ continuidade a qualquer momento e que atingirá, repentinamente, um molde inteligível a todos”¹⁵.

Por fim, este artigo não esgota as possibilidades de investigação não apenas em relação ao Miramar, mas também sobre o terreno e o próprio processo de modernização e transformações por que vem passando Florianópolis, em especial quanto à construção civil. Se no caso do *Memorial ao Miramar* houve uma tentativa de recuperar um dos símbolos da antiga Florianópolis, o que aconteceu foi uma releitura superficial de tudo o que simbolizou o “velho trapiche”, em alguns pilares “perdidos” no meio da Praça Fernando Machado, constituindo-se, assim, de pouco valor como monumento.



Miramar na década de 30. Foto publicada em VEIGA, Eliane Veras da. Florianópolis: Memória Urbana. Florianópolis: Editora da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993. Livro do acervo da biblioteca de apoio do Arquivo Histórico Municipal de Florianópolis.

¹⁵ *Idem.*



Memorial ao Miramar, na Praça Fernando Machado, formado por pilares que marcam a antiga localização do Miramar. Foto de Mário Costa Jr. Disponível em: <www.guiafloripa.com.br>